

Predições de Cristo I e II

Por Hermes C. Fernandes

Depois das afirmações iniciais, que tinham por objetivo alertar seus discípulos diante da seriedade do assunto, Jesus começou a expor algumas importantes predições que sinalizariam o tempo em que Jerusalém seria alvo do juízo divino.

Guerras e Revoluções

“Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis. É necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo. Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino” (Lc.21:9-10).

Flavio Josefo registra em seu livro *Guerras dos Judeus* os inúmeros conflitos e revoluções ocorridos durante o tempo que antecedeu a queda de Jerusalém. Em Cesaréia, por exemplo, foram mortos mais de vinte mil em uma disputa entre judeus e sírios concernente ao governo da cidade. Em Alexandria, mais de cinquenta mil judeus morreram em um conflito com os gentios. Em Damasco, a população local conspirou contra os judeus e abateram mais de dez mil pessoas desarmadas. Além desses conflitos envolvendo judeus, o império romano viveu dias de convulsão social. Revoltas, conspirações, e guerras envolvendo muitas nações foram o cotidiano da população daquele império. Roma tornou-se uma verdadeira máquina de guerra.

Gary DeMar ressalta: “Jesus adverte em seguida de “guerras e rumores de guerras” e de “reino contra reino”. Como ele predisse, os tumultos se espalharam por toda a região. Os Anais de Tácito, que cobrem a história de 14 d.C. à morte de Nero em 68 d.C., descrevem o tumulto do período com fases intituladas “distúrbios na Alemanha”, “comoções na África”, “comoções na Trácia”, “insurreições na Gália”, “intriga entre os partos”, “guerra na Bretanha”, e “guerra na Armênia”. Guerras foram travadas de uma extremidade do império à outra. Tudo isso aconteceu durante a Pax Romana (paz romana). As guerras não eram sinais, exceto durante o tempo de paz declarada.”[1]

Cataclismos

“Haverá grandes terremotos, fomes e pestilências em vários lugares, e coisas espantosas e grandes sinais do céu” (Lc.21:11).

TERREMOTOS - Os trinta anos que precederam a queda de Jerusalém foram marcados por terremotos e catástrofes que acabaram dizimando a população do império. Em 46 d.C. houve um grande terremoto em Creta. Talvez fosse sobre isso que Paulo falava ao afirmar que a ira de Deus havia caído sobre os judeus de Creta (1 Tess.2:16). No dia em que Nero assumiu a toga virillis, em 51 d.C. houve um terremoto em Roma. Houve outro terremoto em Apamea, na Frígia, mencionado por Tácito, historiador romano, que também menciona diversos outros terremotos em Campanha e em Laodicéia. Um terremoto muito forte sacudiu Jerusalém em 67 d.C., pouco antes daquela cidade ser invadida e destruída pelas hostes romanas. Escrevendo acerca de um terremoto que acometeu Jerusalém pouco antes de ser invadida pelos romanos, Josefo

diz que “sobreveio uma horrível tempestade: a violência do vento, a impetuosidade da chuva, a quantidade de relâmpagos, o ribombar horrível do trovão, e um tremor de terra, acompanhado de rugidos, perturbou de tal modo a ordem da natureza, que todos o julgaram presságio de grandes desgraças”(Livro Quarto, Cap.17: 316). Não podemos nos esquecer dos abalos sísmicos registrados em Atos, como aquele que provocou a abertura do cárcere para os apóstolos Paulo e Silas (At.16:26; 4:31).

Sempre que ocorre um grande tremor sísmico, pensa-se logo na volta de Cristo. Entretanto, devemos ser cautelosos, pois sempre houve tremores sísmicos no mundo. A diferença é que hoje somos bombardeados por notícias on-line, em tempo real, através das grandes agências de notícias.

Terremotos são medidos por uma escala chamada Richter. Ocorrem milhares deles por ano no mundo. Terremotos de até 1,9 graus na escala Richter, considerados muito fracos, acontecem cerca de 416 mil vezes por ano. De 2 a 2,9 graus, cerca de 52 mil vezes por ano. De 3 a 3,9 graus, 49 mil vezes por ano. De 4 a 4,9 graus, considerados ainda leves, 6.200 vezes por ano. De 5 a 5,9 graus (moderado), 800 vezes por ano. De 6 a 6,9 graus (forte), cerca de 120 vezes por ano. De 7 a 7,9 graus (muito forte), cerca de 18 vezes por ano. E de 8 graus ou mais, considerado devastador, pelo menos uma vez a cada ano. Ao todo, são mais de meio milhão de tremores sísmicos a cada ano.

Fomes e Pestes

As constantes guerras, e os terremotos acabaram abalando a economia de todo império, o que acabou provocando fome, e pestes que dizimaram ainda mais as populações das cidades. Em Atos 11:28 lemos acerca de um profeta cristão chamado Ágabo que “dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, a qual aconteceu no tempo de Claudio”. Josefo diz que devido ao cerco das tropas romanas, houve grande carestia em Jerusalém. “Enquanto tudo isso se passava, em redor do templo, a fome e a carestia faziam tal devastação na cidade que o número dos que ela destruía era impossível de se conhecer” (Livro sexto Cap.19:458). Os famintos moradores de Jerusalém comiam até mesmo a sola dos sapatos, o couro dos escudos ou um punhado de feno podre. Josefo ainda relata o caso de uma mãe que comeu o seu próprio filho.

Tácito escreveu sobre o ano de 51 d.C.: “Esse ano testemunhou muitos [e] repetidos terremotos [...] a escassez de cereais, resultando em fome [...] Declarou-se que não havia mais que quinze dias de suprimento de comida na cidade [de Roma]”. [2] Josefo também registrou as condições miseráveis da fome imposta a Jerusalém por Tito: “Então a fome se espalhou e devorou famílias e casas inteiras; os cenáculos das casas estavam repletos de mulheres e crianças morrendo de inanição, e os telhados das casas da cidade estavam lotados de corpos sem vida de adultos; crianças e jovens também vagavam pelos mercados como sombras, impulsionados pela fome, e caíam mortos onde a desgraça os alcançasse”. [3]

Quanto às pestilências, temos como exemplo uma peste que varreu a cidade de Roma em 65 d.C., matando cerca de trinta mil pessoas em um único outono.

Coisas espantosas e Sinais no céu

As primeiras predições mostravam o quanto os homens seriam afetados diretamente pelas guerras, fome e pestes. O segundo grupo de predições aponta para as indicações de Deus, intervindo na ordem natural da criação a fim de alertar acerca do juízo eminente.

De acordo com Josefo em seu livro Guerras dos Judeus, houve inúmeros sinais, tanto na terra como no céu, que prediziam a desgraça que viria sobre Jerusalém. Abaixo, vamos relatar alguns deles com as palavras do próprio Josefo:

* Um cometa, que tinha a forma de uma espada apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro.

* Antes de começar a guerra, o povo reunira-se a oito de abril, para a festa da Páscoa, e pelas nove horas da noite, viu-se, durante uma meia hora, em redor do altar e do templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia.

* Durante essa mesma festa uma vaca que era levada para ser sacrificada, deu à luz, um cordeiro no meio do templo.

* Um pouco depois da festa, a vinte e sete de maio aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-se no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharam-se pelas cidades, como para cercá-las.

Josefo fala de outros sinais que preferimos não mencionar aqui, por nos faltar tempo e espaço.

O Princípio das Dores

Mateus termina esta parte do sermão profético com Jesus dizendo: “Mas todas essas coisas são o princípio das dores” (24:8). A palavra “dores” aqui significa literalmente “dores de parto”. O velho aión estava gemendo, proferindo vários “ais!” antes de dar à luz o novo aión.. Todos os cataclismos naturais preditos por Jesus nada mais eram do que os gemidos da criação. No dizer de Paulo, “toda a criação geme como se estivesse com dores de parto até agora” (Rm.8:22). É a partir do velho mundo que Deus cria o Novo Mundo. Espiritualmente falando, o Novo Aión foi concebido na Cruz, nasceu no Pentecostes, e teve seu umbigo aparado no momento em que o Velho Tabernáculo, o Templo judeu caiu. Entretanto, quando falamos do cosmo, da criação, temos que admitir que ela ainda geme, com dores de parto, aguardando tão-somente a parousia dos filhos de Deus (Rm.8:19). Quando todos os filhos de Deus houver se manifestado, e a plenitude dos gentios houver adentrado a Cidade de Deus, então, as dores de parto da criação terão chegado ao fim. O mundo material já estará todo renovado, e a natureza

viverá em harmonia sob o domínio dos filhos de Deus. Portanto, essas dores de parto só terminarão quando todos os filhos de Deus houver se manifestado, e isso, por sua vez, só ocorrerá quando Cristo retornar fisicamente a Terra. Por isso, ainda hoje há terremotos, maremotos, vulcões, secas e outros cataclismos.

Predições de Cristo II

Depois de mostrar o quanto a ordem social, e a ordem natural da criação seriam afetadas como prelúdio do juízo que cairia sobre Jerusalém e seus habitantes, Jesus muda Seu foco. Agora, Ele passava a mostrar o quanto a própria Igreja sofreria durante aquilo que Ele chamou de “Princípio das Dores”.

Perseguição

“Mas antes de todas estas coisas, lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome. Isto vos acontecerá para testemunho. Mas proponde em vossos corações não premeditar como haveis de responder, porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos os que se vos opuserem. Até pelos pais, irmãos, parentes e amigos sereis entregues, e matarão alguns de vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome. Mas não perecerá um único cabelo de vossa cabeça. Na vossa perseverança ganhareis as vossas almas” (Lc.21:12-19). Toda a perseguição predita aqui cumpriu-se nos dias da Igreja Primitiva. Aquela foi, por assim dizer, a grande tribulação. Basta um olhada superficial nos Atos dos Apóstolos para averiguarmos isso. Os apóstolos foram entregues às sinagogas, e delas foram diretamente para as prisões.

Foram as autoridades judaicas as principais opositoras do Evangelho no primeiro século. Foram também elas que conduziram os apóstolos à presença de reis e governadores para depor (ex.: At.23:12-15; 24:1). Aquele período se encaixa bem com o que chamamos de Grande Tribulação. Muitos discípulos foram martirizados, a exemplo do que aconteceu com Estêvão, Tiago, e o próprio Paulo, que foi decapitado, e também Pedro, que foi crucificado de cabeça para baixo, como afirma a tradição. O que os mantinha firmes em sua convicção era a promessa de que na perseverança eles ganhariam as suas almas. Por isso, muitos deles, ao serem conduzidos à arena para serem atirados às feras, iam cantando e glorificando a Deus. Outros eram mortos rogando a Deus que perdoasse os seus algozes.

É bem verdade que durante outros períodos a igreja foi combatida, perseguida, e que muitos dos seus seguidores foram torturados até a morte. Ainda hoje, em alguns países islâmicos, os cristãos são presos, e até mortos por amor à sua fé. Entretanto, jamais houve ou haverá qualquer perseguição contra a igreja numa escala parecida com a que houve no primeiro século da era cristã. É de Cristo a declaração que haveria então “grande aflição, como nunca houve até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria, mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias” (Mt.24:21-22).

Apostasia

Em função da dura perseguição suscitada pelos judeus e por Roma, muitos cristãos se deixaram apostatar da fé. Jesus prediz: “Nesse tempo, muitos se escandalizarão, trair-se-ão mutuamente e se odiarão uns aos outros (...) E por se multiplicar a iniquidade, o amor de quase todos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mt.24:10,12-13). Tudo isso se cumpriu na igreja do primeiro século. Em certo sentido, a apostasia era um inimigo maior do que a perseguição empreendida pelos judeus e pelos romanos.

Paulo, ao despedir-se dos efésios, reunindo seus bispos disse: “Sei que depois da minha partida entrarão no meio de vós lobos cruéis que não pouparão o rebanho. E que DENTRE VÓS MESMOS se levantarão homens que falarão coisas perversas para atrair os discípulos após si” (At.20:29-30). Eram esses apóstatas que buscavam fazer comércio do povo de Deus, e introduziam heresias dissimuladoras no seio da igreja. Pedro admoesta os seus leitores: “...entre vós também haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas dissoluções, e por causa deles será blasfemado o caminho da verdade. Por ganância farão de vós negócio, com palavras fingidas. Para eles o juízo lavrado há longo tempo não tarda, e a sua destruição não dorme” (2 Pe.2:1-3). Por causa desses falsos mestres, muitos se esfriaram na fé, e abandonaram o primeiro amor. Porém, os que foram perseverantes foram salvos. Mas foram salvos de quê? Não está em foco aqui a salvação eterna dos crentes. Minutos antes de declarar tudo isso, Jesus havia dito: “Em verdade vos digo que TODAS ESTAS COISAS hão de vir sobre esta geração” (Mt.23:36). Por isso, assim que os discípulos receberam o Espírito Santo no Pentecostes, a Escritura diz que Pedro “com muitas outras palavras dava testemunho, e os exortava, dizendo: SALVAI-VOS DESTA GERAÇÃO PERVERSA” (At.2:40).

Aquela geração que viveu nos dias de Jesus seria o receptáculo da ira divina. Aquelas profecias de Jesus não apontavam para um futuro distante, ou para alguma geração futura, mas para aquela geração. Jesus afirmou: “Em verdade vos digo que não passará ESTA GERAÇÃO sem que TODAS ESTAS COISAS ACONTEÇAM” (Mt.24:34). E realmente, menos de quarenta anos depois que Jesus falou estas coisas, Jerusalém caiu, e juntamente com ela o seu soberbo templo, e tudo o que ainda restava da velha aliança. Era, portanto, daquela geração que seriam salvos os que perseverassem até o fim.

A Igreja Triunfante durante a Tribulação

Mesmo diante de toda a apostasia, e toda a perseguição que a Igreja sofreria durante aquele tempo, Jesus garantiu que nada impediria o avanço do Evangelho. Antes que Jerusalém fosse derrubada, as Boas Novas do Reino já teriam sido pregadas em todo o mundo. Certamente, tal promessa fez brilhar os olhos dos discípulos.

O Evangelho pregado em todo Mundo

“E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações (etnias). Então virá o fim” (Mt.24:14). Será que esta profecia aponta realmente para um futuro ainda distante? Ou será que ela, de alguma maneira, já teve o seu cumprimento também no primeiro século? Primeiro, precisamos nos inteirar acerca do significado do termo “mundo” aqui. A palavra traduzida do grego é Oikumene que quer dizer mundo habitado. Esta palavra era comumente usada para referir-se à extensão do império romano. Por exemplo, em Lucas 2:1, lemos que César Augusto decretou o “recenseamento de todo o mundo habitado”. É lógico que ele não queria que se fizesse um censo que abrangesse todo o planeta. O que estava em foco era a totalidade de territórios dominados pelo império romano. Quando se referia ao mundo como um todo, geralmente se usava a palavra kosmos, e não Oikumene. Por exemplo, “Deus amou o kosmos que deu seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna”(Jo.3:16). Escrevendo aos Colossenses, Paulo chega a declarar que no seu tempo o Evangelho “foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu” (Col.1:23). Na mesma epístola ele diz: “Em todo o mundo este evangelho vai frutificando” (Col.1:6).

Tal testemunho encontra eco nos escritos de Lucas acerca dos atos apostólicos. A começar pelo dia de Pentecostes. Lucas nos informa que naquele dia, “em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (At.2:5). Todos eles tiveram que ouvir o testemunho dos discípulos acerca do Reino de Deus, e isto, em suas línguas nativas. Quando acabou a festa de Pentecostes, muitos deles retornaram às suas nações de origem, e levaram consigo o testemunho do Evangelho. Lucas também nos informa que em apenas dois anos “todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus” (At.19:10). Não foi em vão que os judeus de tessalônica exclamaram acerca dos discípulos: “Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui” (At.17:6).

Há testemunhos históricos de que o Evangelho tenha se expandido por todo o continente asiático ainda no primeiro século. Sabemos, por fonte histórica, que os judeus assírios que presenciaram o derramamento do Espírito no Pentecostes, e que abraçaram o Evangelho quando ouviram o sermão pregado por Pedro, ao retornarem à Mesopotâmia, levaram consigo as Boas Novas do Reino de Deus. Mais tarde, o apóstolo Tomé foi enviado àquela região, e discipulou muitos assírios. Ali, ele manteve sua missão até 45 d.C., cerca de doze anos após a ascensão de Cristo. Depois disto, dirigiu-se à Índia, e lá foi o pioneiro na evangelização daquele povo. Coube aos missionários assírios levar a mensagem de Cristo até os lugares mais longínquos da Ásia, incluindo o Tibete, a Mongólia, a China, o Japão, e a Indonésia.

Levando-se em conta que o Evangelho deveria ser pregado à todas etnias, podemos afirmar com certeza que ainda na primeira metade do primeiro século, cada grupo étnico havia sido alcançado. Desde os negros da África, passando pelos europeus, pelos árabes, até os amarelos (de quem descendem os índios), todas as etnias matrizes foram evangelizadas.

Não queremos diminuir a importância que se tem em pregar o evangelho a toda criatura. Cremos piamente que o mandato de Jesus para a Sua Igreja, não importando a era em que ela estiver vivendo, é e sempre será: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”(Mc.16:15) e “Ide e fazei discípulos de todos os povos,

batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt.28:19). Isto é indiscutível. Porém, uma coisa é discipular as nações, e outra é pregar o evangelho do reino apenas para fins de testemunho. Quando Jesus afirmou que antes do fim daquela era (aión), o Evangelho do Reino teria que ser pregado em todo mundo (Oikumene), Ele não estava falando acerca do mandato de discipular as nações, a fim de que elas se rendessem à Sua soberania, e sim, acerca do testemunho que deveria ser dado a elas, antes que chegasse o fim daquela era. E isso foi cumprido no primeiro século, como já vimos através de algumas passagens bíblicas.

Há ainda uma passagem que não nos permite torcer o seu sentido, e que comprova a veracidade do que temos defendido até aqui. Trata-se de Mateus 10:23. Leia com atenção a afirmação que Jesus faz nesse texto:

“Quando vos perseguirem nesta cidade, fugi para outra. Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do homem.”

Não vejo alternativa senão crer que, de fato, o Evangelho do Reino foi anunciado à todas etnias da Terra antes da queda de Jerusalém, quando o Filho do homem veio em juízo contra o povo que O rejeitou.

É bom enfatizarmos que a Grande Comissão ainda está por findar-se. Nós ainda não discipulamos as nações. Entretanto, já antes do fim daquela era, representantes de todas as etnias já haviam recebido o testemunho do reino de Deus. Uma coisa é discipular, e outra é testemunhar.

Alguém poderá objetar: - E quanto aos índios que a essa época já viviam no continente americano? Provavelmente os índios não ouviram o testemunho do Evangelho, entretanto, a etnia que lhes deu origem (Possivelmente os Mongóis) ouviu o testemunho de Deus.

A Abominação da Desolação

Em Mateus lemos: “Portanto quando virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes. Quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa. Quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. Mas aí das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado” (24:15-20). Primeiro, precisamos entender um pouco sobre esta tal abominação da desolação de que falou Daniel. Para investigarmos isso, é necessário recorrer à visão que teve o profeta.

A Septuagésima Semana

Depois de orar por vinte e um dias consecutivos, Deus enviou o anjo Gabriel para confortar Daniel, e fazê-lo entendido acerca daquilo que haveria de acontecer ao seu povo. Disse o anjo ao profeta:

“Daniel, agora vim para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para declará-la a ti, porque és muito amado. Portanto, considera a mensagem, e entende a visão: Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, e dar fim aos pecados, e para expiar a iniquidade, e trazer a justiça eterna, e selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos”.

Daniel 9:22-24.

É ponto pacífico entre os teólogos que essas setenta semanas referem-se a semanas de anos. Portanto, significam literalmente 490 anos.

O que é que aconteceria dentro desse prazo? O pecado seria expiado, e a justiça de Deus seria, por conseguinte, satisfeita. Além disso, o Santo dos Santos seria ungido.

Tudo isso aconteceu na primeira vinda de Cristo. Pela Cruz, a iniquidade do mundo foi expiada, e a justiça divina satisfeita. Com a ressurreição, o Santo dos Santos foi ungido.

O anjo prosseguiu:

“Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até o Ungido, o Príncipe, sete semanas, e sessenta e duas semanas. As praças e as tranqueiras se reedificarão, mas em tempos angustiosos.”

V.25.

Quando Daniel recebeu essa visão, Jerusalém havia sido destruída por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Entretanto, Deus estava prometendo que aquela cidade ainda haveria de ser restaurada. Em 457 aC. foi promulgado o decreto do rei Artaxerxes, concedendo a Esdras a autorização de começar a reconstrução de Jerusalém. 69 semanas de anos depois, ou 483 anos, chegamos precisamente à época em que Jesus iniciou o Seu ministério público. Trata-se de uma exatidão extraordinária, que só pode ser explicada levando-se em conta a incontestável inspiração do texto sagrado.

E o texto profético prossegue: “Depois das sessenta e duas semanas será cortado o Ungido, e não será mais...” (v.26a).

À essas 62 semanas devem ser somadas as 7 primeiras semanas, totalizando 69 semanas. Com a morte do Ungido (em grego é Christos), a iniquidade teria sido expiada, e a justiça divina vindicada. Ora, se o Ungido seria cortado depois das 69 semanas, logo, concluímos que Ele foi morto na 70ª Semana. Isso derruba de vez a teoria de que a 70ª Semana ainda virá, e que entre a 69ª e a 70ª haveria uma espécie de intervalo (tal teoria é defendida pelos dispensacionalistas) Diante do fato de que o Ungido foi cortado depois da 69ª semana, só podemos concluir que tal teoria não passa de uma falácia.

Se acreditarmos no fato de que a 70ª Semana ainda está pra vir, teremos que admitir que o pecado ainda não foi expiado, e que Cristo não era o Ungido que estava pra vir. Isso seria um absurdo!

Uma vez que Jerusalém rejeitara o seu Rei, nada lhe restara senão a destruição. A morte de Cristo na Cruz selou o destino daquela cidade. Por isso, na seqüência da profecia lemos: “e o povo do príncipe, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário. O seu fim será como uma inundação: Até o fim haverá guerra, e estão determinadas desolações” (v.26).

A Identidade do Príncipe que destruiria Jerusalém

Muito se tem discutido acerca da identidade do tal príncipe. Quem seria ele, afinal? Certamente não se está falando do Ungido. Trata-se de Tito, general romano que veio a se tornar imperador, e que no ano 70 d.C. invadiu Jerusalém e a destruiu juntamente com o seu soberbo templo. Antes disso, porém, os judeus vivenciaram quatro anos

consecutivos de guerra. Sobre isso escreveu exaustivamente o historiador judeu Flávio Josefo.

A destruição de Jerusalém está profundamente ligada à rejeição do Messias por parte dos judeus.

Lucas narra o episódio em que Jesus “vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados. Derrubar-te-ão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem. Não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo da tua visitação” (Lc.19:41-44).

Cristo ou o Anticristo?

Logo em seguida, o anjo diz: “Ele confirmará uma aliança com muitos por uma semana, mas na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de cereais” (v.27). De quem o anjo estava falando, agora? Alguns entendem que a pessoa em foco aqui é o tal príncipe, ou o império que ele representa. Os que acreditam que a 70ª Semana ainda virá, crêem que se trata do Anticristo. Nós, porém, temos razões fortes para crer que esta passagem fale do Ungido, e não do príncipe que destruiria Jerusalém. E que razões seriam estas? Primeiro, no texto em hebraico, o sujeito está oculto. Portanto, ambas as posições parecem plausíveis do ponto de vista lingüístico. Tanto o Ungido, quando o príncipe que virá se encaixam perfeitamente. Porém, do ponto de vista teológico, temos que admitir que é o Ungido o sujeito oculto desta passagem. E por quê?

Primeiro: Em Mateus 26:28 encontramos Jesus na última ceia apresentando o cálice que representava o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos. Isso se encaixa perfeitamente na passagem de Daniel. A aliança ali mencionada é a Nova Aliança feita no sangue de Cristo. Essa aliança foi feita na 70ª semana de Daniel. Os muitos mencionados nessa passagem são os eleitos de todas as eras. No meio dessa semana (a 70ª, é claro), Cristo fez cessar o sacrifício. O escritor de Hebreus ressalta que Cristo “havendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”. Portanto, “já não resta mais sacrifício pelos pecados” (Hb.10:12, 26b).

Diante destas afirmações, concluímos que não foi Tito, o general romano, quem fez cessar o sacrifício. Foi Cristo, o Santo dos Santos, que invalidou pelo o Seu sangue todos os demais sacrifícios. Ainda que, depois de Sua morte, os sacrifícios continuassem a ser oferecidos, eles já não possuíam valor algum diante de Deus (Hb.9:9-10).

Se não restava sacrifício pelos pecados, tudo o que os sacerdotes ofereciam a Deus depois que Cristo foi sacrificado não passava de abominação. E sobre a asa das abominações viria o assolador. Por que Deus não reagiu quando as legiões romanas invadiram o templo e o destruíram? Simplesmente porque a glória do Senhor já não estava ali. Quando o sacrifício contínuo perdeu seu valor aos olhos de Deus, tudo o que era oferecido naquele altar era fogo estranho para Deus.

É interessante que Flávio Josefo relata que pouco antes do templo ser invadido e destruído pelas hordas romanas, no dia em que se comemorava a festa de Pentecostes, ao entrarem no templo para ministrarem as ofertas prescritas na Lei, os sacerdotes

ouviram um movimento e um ruído, e então, uma voz, como se uma multidão angelical dissesse: Vamos partir daqui! Os sacerdotes ficaram atônitos e aterrorizados diante do que ouviram! De fato, a glória do Senhor já havia se afastado daquele templo para sempre!

Lucas registra as seguintes palavras de Jesus: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação” (21:20).

Foi no ano 70 d.C. que Tito, filho do Imperador Vespasiano, cercou Jerusalém, e em seguida a invadiu, destruindo por completo o seu templo, não deixando pedra sobre pedra daquele que era uma das sete maravilhas do mundo antigo.

Muitos historiadores se impressionam com o fato de os cristãos terem escapado daquela destruição. Mas isso se deveu ao alerta que Jesus lhes fez.

“Os que estiverem na Judéia, fujam para os montes, os que estiverem no meio da cidade, saiam, e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Pois dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! Haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo (os judeus).” Lucas 21:21-23.

A preocupação de Jesus com as grávidas se devia ao fato de que, para um soldado romano era um prazer tirar a vida de uma gestante, por acreditar que estaria matando um inimigo em potencial, um futuro soldado inimigo.

Eusébio conta que os cristãos, lembrando-se daquelas advertências do Mestre, diante da aproximação das tropas romanas, fugiram para Pela, entre as montanhas, há mais ou menos 27 quilômetros do sul do mar da Galiléia.

Era chegada o dia da vingança de Deus contra aqueles que O haviam trocado pelos ídolos dos gentios, e trocado a Sua Palavra pelas tradições dos anciãos. Assim como Ló foi poupado quando a ira de Deus caiu sobre Sodoma; Cristo desejou poupar a Igreja do cálice que se derramaria sobre a Jerusalém apóstata.

A espada de Deus estava nas mãos de Tito, como estivera um dia nas mãos de Nabucodonosor, (ver Ez.30:25) para castigar os filhos de Israel que haviam se apostatado, indo após outros deuses, e dando as costas ao seu Redentor. Ele veio para o que era Seu, mas os Seus o rejeitaram! O próprio Tito, que mais tarde tornou-se o Imperador de Roma, admitiu: “Lutamos com Deus do nosso lado; pois foi Deus que expulsou os judeus de seus baluartes; pois que poderiam ter feito máquinas ou mãos nuas contra muros e torres como essas?” (Josefo, “Guerras”, livro 6 cap.9).

No dia 8 de setembro de 70 d.C. Jerusalém foi reduzida a escombros. Exatamente no mesmo dia em que Nabucodonosor a tinha destruído no ano 1468 de sua fundação.

Sobre a Asa das Abominações

Foi devido à rejeição do Messias por parte dos judeus que a destruição veio sobre Jerusalém e seu templo. Por isso, na seqüência do versículo lemos: “E sobre a asa das abominações virá o assolador, até a destruição determinada, a qual será derramada sobre o assolador” (v.27b).

O assolador nesta passagem corresponde a Roma, que foi a responsável pela destruição total de Jerusalém e seu santuário. Na última parte do versículo, lemos que Deus também determinara a destruição do assolador. No final das contas, tanto a Jerusalém apóstata, quanto o Império Romano haveriam de ser destruídos. Cerca de

quatrocentos anos depois de haver destruído Jerusalém (476 d.C.), Roma foi invadida e saqueada pelos bárbaros, caindo assim o Império que dominou o mundo por mil anos.

A Vinda do Filho do Homem

“Pois assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a VINDA do Filho do homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres” (Mt.24:27-28). Ora, se tudo o que Jesus estava predizendo haveria de ocorrer ainda naquela geração, o quê dizer disso, afinal? Jesus não está falando de Sua volta à Terra nesta passagem. Então, de quê vinda está falando? De Sua vinda em juízo contra Jerusalém.

Em Isaías 19:1 lemos: “O Senhor vem cavalcando numa nuvem ligeira, e VIRÁ ao Egito. Os ídolos do Egito tremem perante a sua face, e o coração dos egípcios se derrete dentro deles.” É claro que o profeta está falando acerca do juízo que Deus traria sobre aquela nação, e não sobre uma vinda literal de Deus cavalcando em uma nuvem. E de quê maneira Deus viria sobre o Egito? No verso 4 diz: “Entregarei os egípcios nas mãos de um senhor duro, e um rei rigoroso os dominará”. Esse rei, através do qual Deus viria contra o Egito, foi Nabucodonosor. Ezequiel profetizou sobre isso: “Eu levantarei os braços do rei de Babilônia, mas os braços de Faraó cairão. Então saberão que eu sou o Senhor, quando puser a minha espada na mão do rei da Babilônia, e ele a estender sobre a terra do Egito” (Ez.30:25). Assim também, Cristo viria contra Israel, na pessoa de Tito, em juízo e destruição.

Podemos afirmar que Tito, filho do Imperador de Roma, tipificava Jesus, Filho do Deus Vivo. Era em suas mãos que estava a espada de Deus para executar juízo sobre os seus inimigos.

Tito atacou Jerusalém de forma repentina. Ninguém esperava um ataque tão súbito. Foi semelhante a um relâmpago que sai do oriente e se mostra do ocidente.

E o que dizer da expressão: “Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres”? Muitos vêm aí uma alusão ao arrebatamento da Igreja. Porém, isto está muito longe do que o Senhor Jesus intentou dizer. Na verdade, trata-se de um provérbio muito popular nos dias de Jesus, cujo significado real é “Onde houver motivos para juízo, aí haverá juízo”. Neste caso, Jerusalém e os judeus seriam os cadáveres que teriam atraído as águias romanas (Os abutres eram considerados uma espécie de águia). Isso também é profetizado por Oséias, que diz: “Põe a trombeta à tua boca. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei” (Os.8:1). Não era por coincidência que a insígnia romana gravada nos escudos e estandartes do seu exército era uma águia.

Colapso Cósmico

“Logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do firmamento e os corpos celestes serão abalados” (Mt.24:29). Este versículo tem sido usado como base para a crença de que o retorno de Cristo se dará em meio a um colapso universal. Entretanto, precisamos entender estas afirmações à luz de outros textos bíblicos. Trata-se, na verdade, de uma linguagem figurativa. Com a queda do templo, o culto judaico chegaria ao fim. A ordem até então mantida, chegaria ao fim.

O sol e a lua apontam para a Lei moral e cerimonial (falamos mais sobre isso em nosso estudo sobre “A Nova Jerusalém”), enquanto que as estrelas correspondem ao povo da antiga aliança, ou seja, os judeus. O Sol e a Lua também tipificam o governo, que por sua vez era exercido através da Lei Mosaica, com os seus mandamentos e rituais. Com a queda do templo, cessaram-se os sacrifícios e o culto judaico.

Quando Deus prometeu que feriria o Egito pela espada de Nabucodonosor, Ele também disse: “Apagando-te eu, cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não deixará resplandecer a sua luz. Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti, e trarei trevas sobre a tua terra, diz o Senhor Deus (...) Pois assim diz o Senhor Deus: A espada do rei de Babilônia virá sobre ti” (Ez.32:7-8,11). A destruição do Egito fez com que a ordem estabelecida naquela nação sofresse um colapso. Assim também foi em Jerusalém. A invasão romana provocou uma desordem social sem antecedentes na história daquele povo.

Se o sol realmente vai deixar de dar a sua luz algum dia, como afirmam os literalistas, logo, teremos que admitir que Jesus algum dia vai deixar de ser o Senhor do Universo. E sabe por quê afirmamos isso? Porque está escrito: “Ele permanecerá enquanto durar o sol e a lua, de geração em geração (...) Permaneça o seu nome ETERNAMENTE, que ele continue enquanto o sol durar. Todas as nações serão abençoadas nele, e lhe chamarão bem-aventurado” (Sl.72:5,17 / Última oração feita por Davi).

O Sinal do Filho do Homem

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mt.24:30).

De quê céu Jesus está falando? Do céu azul que envolve o nosso planeta? Ou será do espaço sideral? Absolutamente. Jesus está falando do céu de glória. Daniel teve uma visão do que seria este acontecimento. Observe bem o que ele diz:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e vi que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a honra e o reino; todos os povos, nações e línguas o adoraram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino o único que não será destruído.” Daniel 7:13-14.

Há realmente um paralelo impressionante entre a visão de Daniel e o sermão profético de Jesus. Ambas as passagens falam de um mesmo evento: a entronização do Filho do homem, Jesus Cristo. O problema é que muitos intérpretes vêem o Filho do homem vindo nas nuvens do céu em direção a terra; e não é isso que vemos ali. Ele vem sobre as nuvens do céu, e Se dirige ao Ancião de Dias, que é Deus Pai, e Este Lhe dá o domínio sobre todas as nações. Logo, não está em foco o retorno visível de Cristo a terra, e sim a Sua ascensão e entronização no céu.

E o quê dizer acerca das tribos da terra se lamentando e vendo o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu?

Primeiro, na ocasião em que Jerusalém foi tomada, já havia se passado cerca de 37 anos desde que Jesus ascendera ao céu. Portanto, Ele já estava entronizado, e reinando soberanamente como Deus e Homem. Entretanto, a destruição de Jerusalém seria o endosso dado por Deus de que Jesus havia recebido o domínio. Por isso, o sinal no céu seria a confirmação daquilo que Daniel havia visto. Talvez esse sinal tenha sido o

cometa em forma de espada que pairou durante um ano inteiro sobre Jerusalém. Aquele poderia ser, sem dúvida, o sinal do Filho do Homem. Quanto às tribos da terra, trata-se de uma referência clara às tribos de Israel. Elas se lamentaram por ver a espada de Deus que vinha contra elas.

Em Apocalipse 14, do verso 14 ao 20 lemos:

“Olhei, e vi uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao FILHO DO HOMEM, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada (como a espada que fora vista por um ano inteiro sobre a cidade). Então outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e ceifa, porque é chegada a hora de ceifar, pois já a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi ceifada (terra aqui refere-se à Jerusalém). Outro anjo saiu do templo, que está no céu, o qual também tinha uma foice afiada. Ainda outro anjo saiu do altar, o qual tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Lança a tua foice afiada, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras. E o anjo meteu a sua foice à terra e colheu as uvas da vinha da terra, e lançou-as NO GRANDE LAGAR DA IRA DE DEUS. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios”.

Quem é que estava sobre a nuvem e que lançava a Sua foice sobre Israel? O Filho do homem. Ele tem o domínio. Foi Ele quem ordenou que se destruísse a cidade que antes era santa, e que agora havia se tornado em uma prostituta. E quanto ao anjo que tinha poder sobre o fogo? Vale lembrar que Jerusalém foi totalmente incendiada. Josefo relata como se iniciou aquele incêndio: “Um soldado, então, sem para isso ter recebido ordem alguma, e sem temer cometer um horrível sacrilégio, mas como levado por INSPIRAÇÃO DIVINA, fêz-se levantar por um companheiro e atirou pela janela de ouro, um pedaço de madeira aceso no lugar, pelo qual se ia aos edifícios, ao redor do templo do lado do norte. O fogo ateou-se imediatamente; em tão grande desgraça, os judeus lançavam gritos espantosos” (Livro VI, cap.26: 466).

Outro dado importante que encontra paralelo nesta passagem de Apocalipse é que o sangue derramado nas ruas de Jerusalém era tanto que impedia os cavalos de caminharem. Josefo afirma que a quantidade de sangue competia com o fogo, o que nos faz lembrar da profecia de Joel: “Mostrarei sinais no céu e na terra, sangue e fogo e colunas de fumaça” (Joel 2:30). “O número dos corpos amontoados uns sobre os outros era tão grande que entupia as ruas e o sangue em que nadavam, apagava o fogo em vários lugares” relatou Josefo (Livro VI Cap.42: 494).

De fato, todas as tribos de Israel lamentaram, e isso, por não haverem recebido o Príncipe da Paz.

Ver o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu equivaleria a ser vítima de Sua foice afiada, e da espada indignada do Todo-Poderoso.

Não podemos entender isso de forma literal.

Ao ser apresentado ao Sinédrio para ser sabatinado, o sumo sacerdote lhe perguntou: “Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste. Porém vos digo que EM BREVE VEREIS O FILHO DO HOMEM ASSENTADO À DIREITA DO TODO-PODEROSO, E VINDO SOBRE AS NUVENS DO CÉU” (Mt.26:63-64). Jesus estava falando com alguns que ainda estariam vivos quando a Sua foice passasse por Jerusalém. Em outra passagem

Ele afirma aos Seus discípulos: “Em verdade vos digo, alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do homem no seu reino” (Mt.16:28).

Ao verem a espada de Deus vindo sobre a Jerusalém rebelde, os judeus se lamentaram profundamente. Aquele era o sinal de que o Filho do homem que eles haviam rejeitado estava reinando e derramando sobre eles a cólera divina.

Anjos e Trombetas

“E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mt.24:31). A palavra traduzida aqui por “anjos” pode ser traduzida por “mensageiros” (angelos). Trata-se da Grande Comissão, que é representada em Apocalipse 14:6 por um “um anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para proclamar aos que habitam sobre a terra e a toda nação, e tribo, e língua, e povo”. Nós sabemos que a pregação do evangelho não é e nunca será incumbência de algum ser angelical. Pedro fala sobre isso em sua epístola. Porém, esse anjo representa a Grande Comissão dada por Jesus aos Seus discípulos de todas as eras. Além disso, podemos perceber que na linguagem apocalíptica, cada pastor é chamado de “o anjo da igreja”. Paulo testifica em sua carta aos Gálatas que fora recebido por eles como “um anjo de Deus” (Gl.4:14).

Em 1 Coríntios 14, Paulo, a fim de justificar a sua preferência em falar no seu próprio idioma a falar em línguas espirituais, diz: “Se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha? Assim também vós. Se com a língua não pronunciardes palavras bem inteligíveis, como se entenderá o que se diz? Estareis como que falando ao ar” (vs.8-9). A pregação do evangelho eterno de Deus corresponde ao clangor de uma trombeta de sonido certo. Quando proclamamos a verdade de Deus, os eleitos se ajuntam. Por isso, ao chegar a Corinto, sentindo-se tímido ante as ameaças dos judeus, Paulo ouviu da boca do Senhor: “Não temas, mas fala, e não te cales. Pois eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, porque tenho muito povo nesta cidade” (At.18:9-10).

Onde quer que esta trombeta se faça ouvir, os santos se reunirão, assim como aconteceu com Gideão, que ao tocar a buzina reuniu uma grande multidão para a batalha.

A 2ª Vinda de Cristo

“Porém, a respeito DAQUELE DIA e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai” (Mt.24:36).

A partir do verso 36 de Mateus 24, Jesus fala acerca de Sua Vinda no último dia, para julgar os vivos e os mortos. Do verso 1 ao verso 35, Jesus trata do juízo de Deus sobre Israel, e isso pode ser comprovado pelo uso da expressão “naqueles dias”, e pela afirmação de que tudo aquilo aconteceria ainda naquela geração. Entretanto, ao chegar ao verso 36, Jesus entra em um novo assunto. Jesus já não estava falando “daqueles dias”, em sim acerca “daquele dia”, quando Ele vier para estabelecer o Juízo Final. Convém ressaltarmos que Jesus só desconhecia o dia de Sua Vinda pelo simples fato de ter se esvaziado de Sua glória original durante o tempo de Sua encarnação, porém, uma vez tendo sido entronizado, seria ridículo afirmar que Ele continua ignorando o dia de Seu retorno.

“Quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. Todas as nações se reunirão diante dele, e ele apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas” (Mt.25:31-32).

Esta passagem encontra seu paralelo em Apocalipse 20:11-15:

“Então vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele. Da presença dele fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se livros. Abriu-se outro livro, que é o da vida. Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o além deram os mortos que neles havia, e foram julgados cada um segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo.”

O que é que Jesus virá fazer na terra em Sua segunda vinda? Será que Ele virá para estabelecer Seu reino, como afirmam alguns? Absolutamente. Isso Ele já fez em Sua primeira vinda. Agora Ele virá para julgar os vivos e os mortos. Ao discursar em Cesaréia, na casa de Cornélio, Pedro testificou: “Ele nos mandou pregar ao povo, e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos” (At.10:42). Paulo endossa: “Mas Deus, não levando em conta o tempo da ignorância, manda agora que todos os homens em todos os lugares se arrependam. Pois determinou UM DIA que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou. Ele disse de certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos” (At.17:30-31).

Como podemos ver, Ele não vem estabelecer o Seu reino, pois o mesmo já está estabelecido na terra desde que Ele aqui esteve pela primeira vez. Da próxima vez que vier, Seu propósito será o de trazer juízo sobre a terra.

Critérios do Juízo

E quais serão os critérios desse julgamento?

Eis um terreno minado! Muitos não conseguem compreender os critérios que Cristo usará no Juízo Final.

Basta uma leitura superficial de Mateus 25, a partir do verso 31 e conclui-se que Deus julgará os homens tendo por base as suas obras. De acordo com o texto, Ele dará boas vindas aos que estiverem à Sua direita, e apresentará as razões pelas quais eles são bem-vindos às benesses do Reino Celestial: “Pois tive fome, e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estavas nu, e me vestistes; estive enfermo, e me visitastes; preso e fostes ver-me” (vs.35-36). Ao ser indagado pelos justos acerca de quando tudo isso havia acontecido, Jesus dirá: “Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (v.40).

Quanto aos ímpios, eles serão acusados de não terem praticado as mesmas obras, e por isso, serão tidos por dignos da condenação eterna. Jesus conclui Seu sermão dizendo: “E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna” (v.46).

Há ainda muitas passagens que comprovam que as bases do juízo serão as obras praticadas em vida. Por exemplo, em Mateus 16:27 lemos: “Pois o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um segundo as suas obras.”

E quanto a Paulo? O que diz o Apóstolo que ensinava a justificação pela fé, à parte das obras?

“Deus recompensará a cada um segundo as suas obras: Dará a vida eterna aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, honra e incorrupção. Mas indignação e ira aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade, e obedientes à iniquidade (...) Isto sucederá no dia em que Deus há de julgar os segredos homens, por meio de Jesus Cristo, segundo o meu evangelho.” Romanos 2:6-8,16.

O que houve com Paulo, afinal? Não é nesta mesma epístola que ele diz que ninguém será justificado diante de Deus pelas obras? (veja Rm.3:20)

Terá Paulo cometido um contra-senso? Óbvio que não! É justamente aqui que os escritos de Paulo e de Tiago se reconciliam. Paulo não ensinava uma “graça barata” como é ensinada hoje em alguns púlpitos. Ele defendia acirradamente que o crente é justificado pela fé somente. É mediante essa fé que temos paz com Deus, e somos aceitos em Sua presença. É também por ela que recebemos a justiça de Cristo em nossa conta, e sabemos que os nossos pecados recaíram sobre Ele na cruz. Tudo isso é pela fé! Não é por obras! Neste exato momento, nossa situação com Deus está acertada. Já não nos resta condenação.

Não obstante, temos que verificar nos textos paulinos que a fé que o apóstolo pregava era uma fé operante. Esta fé não apenas nos faz aceitos aos olhos de Deus, como também produz as boas obras que a justiça de Deus requer de nós. Embora estas obras não sejam a causa da nossa salvação, elas serão a base do juízo de Deus.

A fé nos coloca em Cristo, e a natureza divina que recebemos dEle opera em nós as boas obras. É assim que a justiça da lei se cumpre naquele que está em Cristo (Rm.8:4).

Se não somos salvos mediante as obras, por quê o juízo de Deus será segundo elas?

Nossas contas com Deus já foram acertadas. Não resta condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus. Ele mesmo afirmou: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo.5:24). Já em outro texto, lemos que “todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Co.5:10). Como conciliar as duas afirmações?

Ora, se já passamos da morte para a vida, por quê, então, teremos que estar diante do tribunal de Cristo? Por que teremos de prestar contas de nossas obras?

Quero sugerir duas respostas:

1. Para recebermos os galardões provenientes das obras que praticamos. Embora estas obras sejam frutos do Espírito de Deus, ainda sim, mediante a Sua inefável graça, Deus deseja nos recompensar, apesar de sermos meros instrumentos de Sua justiça.

2. Deus deseja trazer todos diante do Seu tribunal, para que os ímpios jamais possam se queixar de não terem tido um tratamento justo. Há uma diferença entre entrar em juízo, e comparecer ao tribunal. Nós não seremos julgados, mas teremos que comparecer ante o Tribunal de Cristo. Ali ouviremos dEle o que o Espírito já tem testemunhado em nossos corações. Judas nos diz que “o Senhor vem com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos, e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram, e de todas as duras palavras que ímpios pecadores contra ele proferiram” (Jd.14-15). Observe que Ele não vem apenas para fazer juízo,

mas também para fazer convictos todos os ímpios. Ao assistirem o pronunciamento do justo Juiz àqueles que foram salvos por Sua graça, os ímpios hão de se convencer de que a sentença de Deus para eles será justa, e que a condenação eterna será o destino mais apropriado a eles. Ninguém será condenado sem ter a convicção de que aquela sentença é justa. Não haverá quem possa recorrer da sentença.

Quando se dará o Juízo?

Quando se dará tudo isso? Quando se instaurará o Tribunal de Cristo? Esta pergunta é muito pertinente porque, para alguns, a Igreja será julgada numa instância superior, ao adentrar os portais da glória. Os que defendem tal tese afirmam que a Vinda de Cristo será dividida em duas etapas: O Arrebatamento e o Juízo Final. No Arrebatamento, os crentes em Jesus ressuscitarão e serão levados ao céu, e lá chegando, serão submetidos a um Tribunal que visaria apenas recompensá-los. Já no Juízo Final, somente os ímpios e os que se convertessem durante a chamada Grande Tribulação seriam ressuscitados e submetidos a um julgamento que ditaria o seu destino eterno. Esta interpretação carece de uma exegese mais acurada.

A começar pelo fato de não haver na Bíblia distinção entre o dia do Arrebatamento e o do Juízo. Na verdade, trata-se de um mesmo evento que vai acontecer no último dia da história humana. Depois daí, a criação entrará no Estado Eterno.

Em segundo lugar, não há na Bíblia nenhuma base real para se distinguir as ressurreições dos justos e dos ímpios como sendo dois acontecimentos separados por um espaço de tempo. Se for verdade que os justos vão ressuscitar no Arrebatamento, e os ímpios vão ressuscitar sete anos depois, como advogam alguns, então o que dizer da afirmação de Marta: “Eu sei que ressurgirá na ressurreição, no último dia” (Jo.11:24)? Se Lázaro ressuscitaria no último dia, logo, ele não estaria entre aqueles que seriam salvos! Se Marta errou ao afirmar isso, então, por que Jesus não a repreendeu? Porque Ele mesmo ensinara a Marta que todos, justos e ímpios, haveriam de ressuscitar no último dia.

Veja o que o próprio Jesus ensinou:

“Não vos maravilheis disto, pois VEM A HORA em que TODOS os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: Os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida, e os que praticaram o mal, para a ressurreição da condenação.”
João 5:28-29.

Jesus não deixou dúvida de que tanto a ressurreição dos justos, quanto a dos ímpios ocorrerão simultaneamente.

Em nosso estudo sobre o Milênio, abordamos de forma mais esmiuçada este assunto, e tratamos daquilo que João chama de primeira e de segunda ressurreição.

A doutrina do Arrebatamento, como é concebida atualmente não possui respaldo bíblico. O que chamamos de Vinda Secreta de Jesus também não encontra respaldo bíblico. Quando se diz que Ele viria como um ladrão, refere-se ao fator surpresa que envolve a Sua Vinda. Quando Ele vier para julgar os vivos e os mortos, todos os olhos O verão. Definitivamente, não haverá uma vinda secreta, e outra pública como temos ouvido por aí.

Quando escrevia aos crentes de Tessalônica, Paulo diz que “o Senhor descera do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram

em Cristo ressurgirão primeiro” (1 Tess.4:16). É aqui que muita gente se confunde. Se pararmos aí, teremos a impressão de ter ouvido Paulo afirmar que os justos ressurgirão primeiro que os ímpios. Mas não podemos parar aí. O que Paulo está querendo dizer é que nós “os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem” (v.15). Isto quer dizer que, antes de sermos levados às alturas, os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. “Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor” (v.17).

Muitos encontram neste texto a indicação de que ao sermos arrebatados seremos levados para o céu, e lá passaremos sete anos com o Senhor, enquanto o mundo fica entregue nas mãos do anticristo. Esta passagem não fala nada disto ! Nós vamos ao Seu encontro para recebê-IO nas nuvens.

É provável que Paulo tivesse em mente o que acontecia quando o Imperador Romano voltava de uma batalha vitoriosa. Ao se aproximar dos portais da Cidade, o povo saía ao seu encontro para recebê-lo com honras e glórias.

Assim também, quando Jesus, o grande Imperador do Universo despontar no céu, nós e os santos de todas as eras iremos ao Seu encontro para recepcioná-IO, e então, Ele juntamente com todos os Seus santos e anjos pisará nesta Terra, e aqui, estabelecerá o Seu Juízo.

.....

Postado por Hermes C. Fernandes

Site: www.escatologiareinista.blogspot.com

.....

[1] DeMar, Gary, Jesus virá em breve?, 2007, InvictusPRESS.

[2]The Annals of Imperial Rome, tradução de Michael Grant (London: Penguin Books, 1989), p. 271.

[3]The Wars of the Jews em The Works of Josephus, 5:12.3, p. 723.